



ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades de uma parceria colaborativa entre os professores

SILVA, Francycle¹; FUMES, Neiza²

Eixo Temático: Educação Física e inclusão escolar

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na perspectiva da Educação Inclusiva, que se sustenta na compreensão de que a Educação é um direito de todos. O objetivo foi analisar os saberes sobre a Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) de professores de Educação Especial e Educação Física e refletir sobre a parceria colaborativa a partir de um diálogo entre esses professores para promover a inclusão escolar de educandos com deficiência intelectual. A pesquisa é de natureza qualitativa. Foi utilizada a entrevista semiestruturada, a observação descritiva, anotações em diário de campo, e sessão reflexiva de autoscopia. Participaram do estudo uma professora do AEE e um professor de Educação Física, ambos de uma escola da rede pública de ensino de Maceió/AL, que tinham em sua turma alunos considerados como possuindo uma deficiência intelectual. Os resultados evidenciaram a necessidade do desenvolvimento de uma parceria mais efetiva entre os profissionais que atuavam na Educação Física e no AEE, para que o processo de inclusão escolar fosse efetivado com mais consistência em termos de desenvolvimento da aprendizagem. Pudemos verificar a necessidade de proporcionar momentos para reflexão, para que os professores tivessem a oportunidade de discutir sobre conceitos necessários à condução do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Educação Física. Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Intelectual. Parceria colaborativa

¹ Mestrado em Educação, Docente na Faculdade Estacio, Professora de Educação Física no município da Barra de São Miguel – Alagoas, francycle@yahoo.com.br.

² Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física, Docente da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió – Alagoas, neizaf@yahoo.com



INTRODUÇÃO

Na presente investigação, nossos olhares se direcionaram para os educandos considerados³ como possuidores de deficiência intelectual pela escola. Nesse sentido, esses alunos eram atendidos pela professora do AEE na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e também frequentavam as aulas de Educação Física (e dos outros conteúdos curriculares também, ainda que não os analisaremos).

Neste artigo, partimos de dois campos de estudo e intervenção – a deficiência intelectual e a Educação Física na escola – carregados de rótulos e de comportamentos segregacionistas, que caminham em sentido contrário aos princípios da Educação Inclusiva. Contudo, a Educação Física não pode mais negligenciar a educação para todos, sem distinção.

Estudos realizados com educandos com deficiência, como o desenvolvidos por Chicon e Rodrigues (2012), têm apontado ricas possibilidades educacionais. Indicam, por exemplo, que alunos com deficiência que participam de aulas de Educação Física no Ensino Fundamental em um contexto inclusivo, são capazes de ampliar suas experiências corporais e culturais.

Através da concepção de Educação Inclusiva que abraçamos, passamos a compreender que o professor precisa aprender a atuar junto a uma nova situação de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Nesse sentido, consideramos que o modelo de ensino baseado na parceria colaborativa se configura como estratégias em ascensão, voltando-se tanto para a resolução de problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem de educandos com deficiência, como para a promoção do desenvolvimento profissional dos professores. Salientamos que uma proposta colaborativa pode envolver profissionais com formações e experiências diferentes, o que enriquece a prática docente, em vista das inúmeras possibilidades surgidas com a ampliação do olhar sobre as dificuldades enfrentadas (RABELO, 2012).

Com a proposta colaborativa, entendemos que há uma necessidade substancial de se pensar parcerias na escola, no caso em foco, objetivando a inclusão do público alvo da Educação Especial. Dentro desse modelo de ensino, é atribuição da professora do AEE contribuir para a remoção de barreiras pedagógicas e de acessibilidade que estejam presentes em diferentes contextos de aprendizagem do educando do público alvo da Educação Especial. Por sua vez, na qualidade de partícipe do processo de formação do educando, a Educação Física Escolar pode ser uma colaboradora importante da/na inclusão.

Diante disto, o objetivo deste artigo foi analisar os saberes sobre a Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) de professores de Educação Especial e Educação Física e refletir sobre a construção de uma parceria colaborativa a

³ Utilizamos o termo “possuindo uma Deficiência Intelectual”, pois alguns dos educandos que estavam nas aulas de Educação Física eram apontados nessa condição, muito embora não houvesse um diagnóstico conclusivo sobre a deficiência, permanecendo e prevalecendo a hipótese diagnóstica nas interações no contexto escolar.



partir de um diálogo entre esses professores para promover a inclusão escolar de educandos com deficiência intelectual.

MÉTODOS

A pesquisa é de natureza qualitativa com uso da entrevista semiestruturada, da observação descritiva, com registro em diário de campo e filmagem, da pesquisa documental e da autoscopia.

Participaram uma professora do AEE e de um professor de Educação Física, ambos de uma escola da Rede Pública de Ensino de Maceió/AL, que tinha em sua turma quatro alunos considerados como possuindo uma deficiência intelectual em situação de inclusão.

A professora do AEE tinha 20 anos de formação em Letras e Pedagogia em uma universidade pública. Possuía duas especializações, uma em Tecnologia Assistiva e outra em Educação Especial. Atuava na Educação Especial havia 10 anos e em específico na SRM na escola da pesquisa 5 anos.

O professor de Educação Física era formado em universidade pública desde 1988. Possuía especialização em Educação Física Especial, área de concentração Deficiência Física, desde 1992; atuava na rede estadual de Alagoas e na escola da pesquisa havia 10 anos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa⁴ da Universidade Federal de Alagoas. Envolveu apenas os participantes que manifestaram livremente o seu consentimento, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos educandos com Deficiências Intelectual, o TCLE foi assinado pelo(a) responsável legal.

Para coleta dos dados, realizamos registro das aulas de Educação Física em vídeo e diário de campo. O roteiro de entrevista com os professores de Educação Física e AEE foi aplicado individualmente. As observações foram norteadas por um roteiro previamente elaborado, composto pela identificação do espaço escolar e recursos, questões concernentes aos conteúdos e metodologia das aulas.

Após as filmagens, realizamos a composição dos episódios. De modo geral, cada um desses episódios continha recortes de aulas em que os alunos com deficiência intelectual não participaram efetivamente das aulas e também alguns momentos considerados como positivos no desenvolvimento da aula.

Iniciamos a análise dos dados com os registros das entrevistas, transcritos na íntegra, seguida de leitura minuciosa de todos os dados. Com base na análise de conteúdo, organizamos este por categoria, a partir dos recortes das falas (BARDIN, 2009). A partir do resgate de alguns episódios registrados no diário de campo e de vídeos gravados. O diário de campo foi consultado em diversos momentos da escrita. Retomamos

⁴ Protocolo: 20121031-002-0032-0031



atentamente à sessão de autoscopia, logo após realizamos a transcrição detalhada e o material produzido foi agrupado em eixos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procuramos compreender inicialmente a visão dos professores envolvidos na pesquisa sobre a Educação Inclusiva. A professora do AEE, compreende a inclusão escolar como associada a uma questão de oportunidade, posicionando-se de forma positiva em face desse processo. Além disso, direcionou seus argumentos para a sala de aula. Para o professor de Educação Física, a Educação Inclusiva:

Não se detém apenas as pessoas com deficiências, significa trabalhar de modo geral a inclusão daquelas pessoas que ficaram à margem do processo. A inclusão vai além das deficiências que esses alunos apresentam (professor de Educação Física).

Pudemos constatar que suas ideias sobre a inclusão condizem com a perspectiva da Educação Inclusiva, de que esta não se restringe ao atendimento educacional às pessoas com deficiência. Ao afirmar que o direito à educação remete à permanência com êxito de educandos antes excluídos do processo formal de escolarização, retomamos uma questão que por muito tempo o discurso pedagógico ressaltou: a integração e/ou a normalização da deficiência através da inserção dessas pessoas no cotidiano das pessoas consideradas normais (JANUZZI, 2004).

De modo geral, os professores entendiam a Educação Inclusiva não como mera inserção física. Na integração física, segundo Fumes (2005), o aluno com deficiência frequentava as mesmas instalações e/ou usufruía dos mesmos recursos físicos que seus colegas, contudo, as interações entre eles não iam além da proximidade física. Na visão inclusiva, a interação deve ir além da proximidade física ou do compartilhamento de uma atividade por todos, com a realização de funções distintas pelos participantes e sem trocas mais efetivas e afetivas.

Em um segundo momento da pesquisa trilhamos o caminho da reflexão sobre a parceria colaborativa. A parceria entre os professores do ensino regular e da educação especial vem se configurando como uma das estratégias que pode favorecer a aprendizagem dos conteúdos incluídos no currículo escolar. A busca por uma parceria entre esses professores se torna uma estratégia importante para o planejamento, avaliação e organização de recursos de ensino para os educandos com deficiência (SILVA, 2007; RABELO, 2012).

Nesta direção, na sessão reflexiva da autoscopia, foi estabelecido o diálogo entre os professores de AEE e Educação Física. Após assistir os episódios selecionados, as observações feitas pelo professor de Educação Física, destacou não haver nenhuma dificuldade em relação ao desenvolvimento e à participação dos alunos nas aulas, nem tampouco sobre sua prática docente.



A professora do AEE conseguiu perceber algumas das dificuldades enfrentadas pelos educandos com deficiência intelectual na aula de Educação Física. Além disso, alertou ao professor de Educação Física que o aluno em questão poderia vir a ter aversão às aulas e sugeriu que o caminho era a “conquista diária” para participar da aula.

No decorrer da sessão reflexiva, o professor de Educação Física refletiu sobre possibilidades para desenvolvimento participativo dos educandos com deficiência intelectual. Acreditamos que a orientação dada pela professora do AEE, no sentido de acompanhamento efetivo do aluno, contribuiu para que o professor de Educação Física extraísse de sua prática pontos positivos. Autores, como Tardif e Lessard (2005), consideram que os saberes se constituem a partir de uma reflexão na e sobre a prática, constituindo, por sua vez, uma nova perspectiva no trabalho dos professores.

A efetivação de uma parceria colaborativa entre a professora do AEE e o professor Educação Física requer o estabelecimento de tempo e espaço disponíveis para melhores interlocuções. Assim, corroboramos com o pensamento Ibiapina (2008), na qual existe a necessidade de proporcionar momentos para reflexão, para que os professores tenham a oportunidade de discutir sobre conceitos necessários à condução do processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÕES

A partir da análise realizada, podemos considerar que a utilização da autoscopia, enquanto instrumento para avaliação da prática em sala de aula (Educação Física) colaborou no refletir a prática do professor e pode ser utilizada como uma estratégia para a formação continuada por ampliar o olhar sobre a prática docente, permitindo rever o planejamento as aulas, refletindo e possibilitando alertar o professor sobre suas atitudes diante de determinadas situações. Estes resultados fizeram com que pudéssemos entender o quanto o exercício de diálogo pode se tornar um facilitador permanente na comunidade educacional.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, 2009.

FUMES, N. L. F. Em busca da construção de uma escola para todos e de uma Educação Física Inclusiva. In: SANTIAGO, L. V; FUMES, N. L. (org.). **Diferentes Olhares sobre a Educação Física na Escola**. Maceió- EDUFAL, 2005.

CHICON, J. F. RODRIGUES, G. M. (org.). **Práticas Pedagógicas e Pesquisas em Educação Física Escolar Inclusiva**. Vitória: Edufes, 2012.



IBIAPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008. 134p. (Série Pesquisa).

JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.

RABELO, L. C. C. (2012). **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Carlos.

SILVA, A. M. **Buscando componentes da parceria colaborativa na escola entre família de crianças com deficiência e profissionais**. São Carlos: UFSCar, 2007. p. 122.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.